

FORMAÇÃO DE PROFESSORES E O ENSINO DE HISTÓRIA

META

Conscientizar da importância de se ter uma boa formação para a docência em História.

OBJETIVOS

Ao final desta aula, o aluno deverá:

compreender que um bom profissional de história é aquele que cuida em se aperfeiçoar sempre, assumindo a postura reflexiva e crítica sobre sua prática de ensino.

PRÉ-REQUISITOS

Ter assimilado os conteúdos das aulas 03 e 04.



(Fonte: <http://ociclovital.blogspot.com>).

INTRODUÇÃO

Caro aluno, agora que você já está percebendo os principais meandros do ensino de História, está na hora de pensarmos um pouco sobre seus fundamentos e métodos. Para ser um professor de História, de preferência de qualidade, é preciso refletir sobre aspectos e situações que envolvem seu ofício, afinal, você é um licenciando em História e deve dispor de elementos que efetivamente lhe garantam um ótimo desempenho frente a seus alunos.

Assim, no âmbito da docência em História, na maioria das vezes, teorizamos mais do que, efetivamente, lecionamos, nos distanciando cada vez mais de nosso discente lhe furtando a condição necessária do aprender História.



Dom Quixote
(Fonte: - <http://cafehistoria.ning.com>).

Há alguns anos, debates exaustivos e inconclusivos têm sido feitos em torno da profissionalização do historiador e do professor de História. Algumas vezes acirradas, tais discussões não levam em conta alguns princípios presentes nas chamadas Diretrizes Curriculares Nacionais (DCN), e, sobretudo, na prática do cotidiano, na vivência em sala de aula, que muitas vezes permite ao professor habilidades que extrapolam determinadas posições acadêmicas, que também não permitem uma releitura e uma renovação do ensino de História.

Entre os mecanismos legais relacionados ao ensino de História, vale destacar a Lei nº 10.639/2003, que determina o ensino da história e da cultura afro-brasileira e africana nos currículos escolares da rede pública do Brasil.

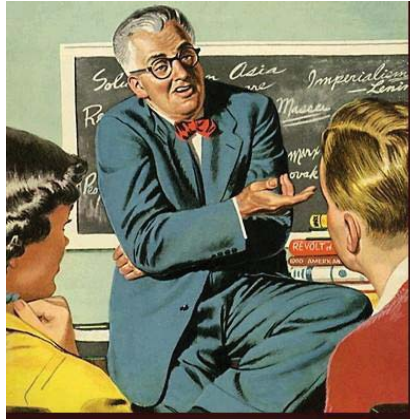
Assim, temas o estudo da História da África e dos Africanos, a luta dos negros no Brasil, a cultura negra brasileira e o negro na formação da sociedade nacional, resgatando a contribuição do povo negro nas áreas social, econômica e política pertinentes à História do Brasil devem fazer parte das competências do professor de História, sobretudo no aspecto domínio de conteúdo.

Efetivamente, a lei não diz como isto se tornará possível em sala de aula e até mesmo nos livros didáticos, mas é exatamente aí que entra o que se está sendo discutido nessa aula. O bom professor de História não vai ficar esperando as coisas acontecerem e nem vai se sentir obrigado por força de lei a fazer isso. Sua predisposição natural, em que pese a sua formação, fará com que ele busque condições para concretizar esse intento, que, antes de ser algo legalista, é uma necessidade social, a qual deve estar no rol das preocupações pedagógicas do professor de história do tempo presente.

DCN

Mecanismos legais e pedagógicos estabelecidos pelo Estado, através de seus órgãos competentes, como o Ministério da Educação e o Conselho Nacional de Educação (CNE), que apontam e direcionam caminhos para a educação no país em todos os níveis.





O Professor de História
(Fonte: <http://api.ning.com>).

Assim, vamos começar perguntando a você, prezado aluno, o que é essencial para ser um professor de História? Embora não exista regulamentada a profissão de historiador, ao professor pode ser negada a prática e a habilidade da pesquisa ou da produção historiográfica? Que elementos fundamentam a existência do professor de História?

Basicamente falando, do professor de história espera-se que ele domine três aspectos fundamentais: domínio de conteúdo, conhecimento e utilidade de práticas pedagógicas e habilidade didática. Atrelado a isso, também se torna imprescindível nos dias de hoje, com a renovação do ensino de História e por força da nova realidade de alunos e condições de todas as ordens, dominar a teoria histórica e as habilidades de pesquisa.

Ora, tal percepção está no cerne das discussões acima apresentadas. A grande maioria dos Cursos de História do país tem formado alunos despreparados para a docência. É com pesar e preocupação que, ao final de sua formação, o aluno constata que não quer ser professor, pois prefere batalhar um concurso público federal que lhe garanta estabilidade financeira.

Infelizmente tem sido essa a realidade de nossos cursos chamados de licenciatura. A ênfase na pesquisa e na teorização suplanta a preparação efetiva do docente, que muitas vezes só vai experimentar a coisa do “ensinar” por ocasião dos Estágios Supervisionados, que efetivamente não garantem a seu aluno habilidades e métodos que o tornem apto para a sala de aula.

Assim, que adianta a esse licenciando estudar um teórico da história ou debater exaustivamente um conteúdo de uma disciplina específica da grade curricular do curso de História, ou ainda despender um determinado tempo e esforço escrevendo um artigo, resenha ou relatório, se ele sequer tem a oportunidade de experimentar ou ao menos ser orientado de como se utiliza determinado conhecimento histórico em sala de aula?

A essa altura, se verifica que, na grande maioria dos casos, os professores universitários se esquecem do que são, não cumprindo ou não se atentando para um dos três aspectos da docência, qual seja a didática. Assim,

seu conteúdo se torna além de distante, inalcançável. E olhe que muitos desses entendem que não é o seu papel na academia, que isso é coisa de pedagogo. Porém, uma disciplina específica, num curso de licenciatura, só terá efetividade se ela for direcionada, também (como a pesquisa e a produção científica) para a prática da docência. Caso contrário, gera-se um contra-senso sem tamanho: um curso de licenciatura não prepara licenciado.

Frente a isto, é muito apropriada a colocação da professora Marília Beatriz: “Com certeza a formação dos professores tem contribuído para dificultar a superação desses problemas. Não podemos ignorar, obviamente, as dificuldades que afetam a educação como um todo, mas uma sólida formação, que aliasse o preparo nas questões relativas ao conhecimento a uma consistente formação pedagógica, provavelmente poderia ajudar a reverter esse quadro insatisfatório” (CRUZ, 2001, p. 69).

Observe que a chave está exatamente nisto: a associação entre as habilidades historiográficas e as habilidades pedagógicas. Um professor de História deve dispor de uma bagagem teórica capaz de lhe permitir, didaticamente, lidar com seu aluno, com vistas à aprendizagem da História. Se não, nada disso faz sentidos e não só perpetua o problema como consolida outros, como a aversão do aluno de ensino fundamental e médio pela disciplina História. E o que é pior, a formação de docentes despreparados para lidar produtivamente com o ensino de História.

“Um professor mal preparado e desmotivado não consegue dar boas aulas nem com o melhor dos livros, ao passo que um bom professor pode até aproveitar-se de um livro com falhas para corrigi-las e desenvolver o velho e bom espírito crítico entre os seus alunos” (PINSKY, 2005, p. 22).

Qual seria, então, esse bom professor de História? Como é possível identificá-lo? O que é preciso para se tornar um?

Diante do que foi exposto até o presente momento, uma coisa para tentar responder a essas indagações: uma renovação na maneira de formar professores de história no cursos de licenciatura de História do País.

Nesse sentido, torna-se cada vez mais firme a ideia do professor-pesquisador, capaz de dominar o conteúdo, possuir as habilidades historiográficas, teóricas e de pesquisa



(Fonte: <http://www.appai.org.br>).

e reunir elementos para ensinar História, em condições que permitam a aprendizagem efetiva e não a famigerada “decoreba”.

Não se trata de um super-professor de História, algo inatingível do ponto de vista pedagógico. A experiência mostra que o ensino de História só se torna efetivo quando seu professor domina habilidades que comunguem não só a coisa da docência, mas também da pesquisa. Um professor capaz de navegar entre esses dois mundos e criar uma intersecção neles, despertando no sujeito aprendiz a capacidade criativa, o gosto pela leitura e pela história, percebendo esta como sua aliada para entender seu tempo, sua realidade e sua localidade.

O professor de História do tempo presente deve proceder como um relações públicas, levando seu aluno a nutrir um sentimento de pertencimento ao conteúdo ministrado, intimamente envolvido por este, ao tempo em que ele aprende a ler as coisas em sua volta com mais desenvoltura e discernimento. “O professor de história pode ensinar o aluno a adquirir as ferramentas de trabalho necessárias; o saber-fazer, o saber-fazer-bem, lançar os germes do histórico. Ele é responsável por ensinar o aluno a captar e a valorizar a diversidade dos pontos de vista. Ao professor cabe ensinar o aluno a levantar problemas e a reintegrá-los num conjunto mais vasto de outros problemas, procurando transformar, em cada aula de História, temas em problemáticas”. (SCHMIDT, 2004, p. 57)

Ora, do que foi possível desenvolver na presente aula, fica a clara noção de que o professor é o motriz primordial na engrenagem complexa do ensino de História. Sua formação completa nessa engenharia do saber, lhe permitindo reinventar seu ofício a cada momento, a cada nova dinâmica social, frente à necessidade premente de engajar o aluno no tecido e na tecedura da História e do conhecimento histórico.



(Fonte: <http://www.ingainformatica.com.br>).

Nesse sentido, nossas universidades devem também reinventar a formação de seus professores de história. Embora se saiba que mais da metade dos egressos em curso de licenciatura não tenham a mínima ideia da escolha, escolhem-no por inumeráveis motivos, menos pela aptidão à docência, ao longo do curso, ele precisa ter isto cada vez mais claro, não só nas chamadas matérias pedagógicas, mas também nas disciplinas histórico-historiográficas, como Antiga, Medieval, Moderna, Contemporânea, entre outras.

CONCLUSÃO

Como se vê, é preciso ter uma formação que ajude a superar as barreiras típicas da profissão de professor. Isto não é diferente no campo do ensino da História, onde as dificuldades se avolumam frente a dois fatores perfeitamente discutíveis: a má formação de nossos licenciados e a própria má fama que a disciplina adquiriu ao longo dos anos, por conta da abordagem tradicional memorialista de muitos de nossos professores.

RESUMO

A formação do professor de História no Brasil precisa dar um salto de qualidade capaz de formar, efetivamente, o licenciado. Um profissional capaz de enfrentar as barreiras próprias da profissão e lidar com as variações do tempo presente: um professor da sala, mas também um cidadão do mundo.



ATIVIDADES

Considerando o fato de você estarem cursando uma licenciatura em História e trabalhar diretamente com conceitos como memória coletiva e trajetórias, convido-o para uma atividade que pode vir a tornar uma pesquisa e que permita ao Departamento de História da UFS traçar caminhos alternativos para a formação de professores de História.

A atividade consiste em duas situações distintas, mas que podem, pelo exercício da comparação, criar zonas de análise e explicativas de intersecção.

Vejamos:

1. Desenvolva uma consulta, via formulário ou questionário, com os alunos das disciplinas Estágio Supervisionado I e II. Na formulação das perguntas, procure levar em consideração as discussões desta aula, como os entraves e problemáticas na formação do professor de História. Não precisa ser todos, defina um percentual, tipo uma amostragem.
2. Faça o mesmo com professores do Ensino Fundamental e Médio, bem como da universidade. É importante que eles sejam licenciados em História.



3. Em seguida, após tabulados os dados (sugerimos a construção de tabelas e gráficos para ilustrar a sua atividade) compare as duas situações, procurando perceber os encontros e desencontros entre elas na discussão sobre a formação do professor de História.

4. Em caso de se sentir tentado a ir mais além, porque não construir algo em torno do resgate das trajetórias dos professores de História do DHI ou de outras instituições de ensino? Certamente isto será um salutar exercício.

COMENTÁRIO SOBRE AS ATIVIDADES

Trabalhar com trajetórias de vida, ainda mais quanto estas dizem respeito à sua formação em docência de História, torna a experiência acadêmica mais fascinante e ajuda a preparar o perfil do professor-pesquisador que o tempo presente exige e os alunos anseiam.



PRÓXIMA AULA

A Pesquisa e o Ensino de História



AUTO-AVALIAÇÃO

1. Esta aula me permitiu rever conceitos sobre a minha futura profissão de professor de História?
2. O que devo fazer para adotar uma postura mais dinâmica em sala de aula, como professor de História?
3. Que expectativas positivas podem ser criadas quando eu assumo o compromisso de me tornar um professor-pesquisador?

REFERÊNCIAS

- CRUZ, Marília Beatriz Azevedo. O ensino de História no contexto das transições paradigmáticas da História da Educação. In: NIKITIUK, Sônia L. (Org). **Repensando o ensino de História**. 5 ed. São Paulo: Cortez, 1996. pp. 67-76.
- FONSECA, Selva Guimarães. **Didática e prática de ensino de História**. Campinas, SP: Papyrus, 2003.
- PINSKY, Jaime e BASSANELI, Carla. Por uma história prazerosa e consequente. In: KARNAL, Leandro (org.). **História na sala de aula – Conceitos, práticas e propostas**. 3 ed. São Paulo: Contexto, 2005. p. 17-36.
- SCHMIDT, Maria Auxiliadora. Formação do Professor de História e o Cotidiano. In: BITTENCOURT, Circe (org.). **O Saber Histórico na Sala de Aula**. São Paulo: Contexto, 2004. pp. 54-66.
- SCHMIDT, Maria Auxiliadora; CAINELLI, Marlene. **Ensinar história**. São Paulo: Scipione, 2004.